

A AGROECOLOGIA NO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ-SC: a re-existência e re-produção do/no espaço rural do Oeste Catarinense

Lucas Azeredo Rodrigues¹
Willian Simões²

Resumo

O espaço rural do Oeste de Santa Catarina obteve diferentes transformações após o período da revolução verde, em meados de 1970. Esse momento desencadeou uma série de elementos a serem pautados nas discussões, sobretudo na ciência geográfica. Em meados de 1980 iniciou o processo de instalação das agroindústrias na região, destacando a cidade de Chapecó, que hoje, é a cidade mais populosa da região. Com a chegada das agroindústrias, houve uma modificação no cenário rural: a agricultura familiar fora submetida a participar da lógica do capital agroindustrial. Uma parcela dos agricultores emerge com o intuito de resistir a essa lógica imposta, e surge o movimento de re-existência, pautada na agroecologia. Esta, servirá como um movimento de re-significação da relação sociedade natureza na produção do espaço geográfico da região. Assim, como continuidade de pesquisas anteriores, trataremos da agroecologia como o caso emblemático, e símbolo de re-existência na cidade, como é o processo de re-produção do espaço rural do oeste catarinense, na perspectiva dos atores envolvidos na lógica agroecológica.

Palavras-chave: Agroecologia, Relação Sociedade-Natureza, Produção do Espaço.

Introdução

No Brasil, o permanente avanço do capital no campo, fez com que a relação entre uma parcela de agricultores e o mercado se tornasse mais complexo, sobretudo, na relação com o

¹ Graduando em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul. Membro do Núcleo de Estudos Território, Ambiente e Paisagem – NETAP, Bolsista de Iniciação Científica FAPESC, Observatório Geográfico da Fronteira Sul. E-mail: lucas.azeredo.rodrigues@gmail.com

² Doutor em Geografia – UFPR. Docente do curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul. Membro do Coletivo de Estudos sobre Conflitos pelo Território e pela Terra – ENCONTRRA. E-mail: willian.simoos@uffs.edu.br

agronegócio multi-trans-nacional. Nesse contexto, consideramos a *agroecologia* como uma perspectiva de produção e de vida um tanto emblemática, conforme Altieri (2004,2012) e Pinheiro Machado (2014). A compreensão que estamos defendendo desde nossos estudos e investigações é que a *agroecologia* re-significa a relação sociedade-natureza na re-produção do espaço rural conforme o trabalhado em Azeredo e Simões (2016a).

Trata-se portanto, da *agroecologia* como uma forma de práticas ecológicas que visam a produção de alimentos (ALTIERI, 2012), dispendo superar a produção monocultora e a quebra da perda de biodiversidade proporcionada pelo agronegócio (PINHEIRO MACHADO, 2014).

Essa compreensão tem se construído a partir das reflexões teóricas pautadas no grupo de estudo ‘Espaço rural do oeste de Santa Catarina: sujeitos, dinâmicas e conflitos’, nas pesquisas vinculadas ao Núcleo de Estudo Ambiente, Território e Paisagem – NETAP e aos levantamentos de dados do Observatório Geográfico da Fronteira Sul, junto de trabalhos publicados reforçando esta temática, assim como em entrevistas e trabalhos de campo.

O intuito dessa pesquisa vem sendo o de reforçar a ideia defendida no XVIII Encontro Nacional de Geógrafos - ENG (AZEREDO; SIMÕES, 2016a) e também a que foi apresentada no Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Fronteira Sul – SEPE (AZEREDO; SIMÕES, 2016b):

Partimos do pressuposto de que a agroecologia, mais do que um modo de produção, constitui-se numa perspectiva de vida, a qual, ao propor a constituição de relações mais respeitadas no espaço-tempo da natureza, valorizando saberes e fazeres tradicionais dos sujeitos locais/comunitários, re-significa a relação sociedade-natureza na produção do espaço e se contrapõe à lógica perversa e autodestrutiva do capital (AZEREDO; SIMÕES, p.9 2016a.).

Com a ideia de poder verificar alguns elementos que visam a re-existência e a re-produção do espaço, na perspectiva agroecológica, foi realizado dois trabalhos de campo, em locais diferentes.

A re-existência corroboramos com Porto-Gonçalves:

Mais do que resistência, que significa reagir a uma ação anterior e, assim, sempre uma ação reflexa, temos r-existência³, é dizer, uma forma de existir,

³ Para um melhor entendimento, adotaremos para este trabalho como “re-existência”, assim como em Azeredo e Simões (2016a).

uma determinada matriz de racionalidade que age nas circunstâncias, inclusive reage, a partir de um *topoi*, enfim, de um lugar próprio, tanto geográfico como epistêmico. Na verdade, age entre duas lógicas (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Já na perspectiva da re-produção do espaço geográfico, dialogamos com Marcelo Lopes de Souza:

A produção do espaço pode se referir tanto à sua (re)produção, nos marcos do modelo social hegemônico, capitalista e heterônimo, quanto à emergência de novas significações, novas formas e novas práticas.(SOUZA, 2015)

Temos, portanto, o duplo movimento da agroecologia, explicitados no espaço geográfico: a re-existência e a re-produção. O primeiro refere-se no ato de resistir à lógica do capital agroindustrial. O segundo, se remete a forma com que a agroecologia faz a produção do espaço, resgatando os saberes tradicionais, ela faz uma nova produção de espaço, portanto, uma re-produção

Trabalhando de forma mais específica, investigamos exemplos de propriedades agroecológicas no município de Chapecó-SC que migraram da lógica agroindustrial e aderiram ao movimento da *agroecologia*, o que pode ser compreendido como parte de um movimento de resistência aos complexos agroindustriais do agronegócio típicos da região (aves, suínos e leite). O percurso investigativo tem nos permitido evidenciar que são unidades familiares que buscam se inserir de forma sustentável com a natureza e se dedicam à produção de alimentação saudável, assim como apostam na comercialização em circuitos curtos de sua produção (a exemplo das feiras livres).

As práxis da produção agroecológica na cidade de Chapecó-SC

O espaço rural do oeste catarinense é configurado acerca da presença maciça do capital agroindustrial global, que se desenvolveu e se intensificou com a emergência da revolução verde em meados de 1970:

Nesse período acelerou-se o desenvolvimento do meio técnico-científico-informacional e resultou num conjunto de fatores que modificou em grande escala o espaço rural na região, como a introdução de insumos químicos, maquinários, e, ainda, a chegada de agroindústrias do agronegócio, o que permitiu a potencialização, por exemplo, do processo de integração de pequenos agricultores à lógica de mercado, com destaque para a cadeia de suínos, aves e leite, dentre outros (AZEREDO; SIMÕES, 2016b).

O município de Chapecó conta com uma população próxima dos 209 mil habitantes em 2016 (IBGE, 2017). A cidade exerce sua função como “Capital do Oeste”, por possuir uma concentração de serviços de diferentes escalas. A estrutura aeroportuária, por exemplo, já

atende mais de 1 milhão de pessoas oriundas da fronteira sul do país, atuando desde o noroeste gaúcho até o sudoeste paranaense. A cidade é sede de complexos agroindustriais multi-trans-escalares, como a BRF – Brasil *Foods* e a Aurora Alimentos. São circuitos econômicos voltados para atender e abastecer as lógicas agroindustriais impostas no cenário do oeste catarinense a partir da lógica de integração (CANCELIER, 2013).

Neste cenário, a agricultura familiar surge como agente de destaque da produção do espaço rural do oeste de Santa Catarina (TAGLIARI, 2006). São desses agricultores que observamos a produção de alimentos que servem, não apenas o setor agroalimentar, mas também as feiras coloniais e agroecológicas espalhadas pela cidade, assim como o abastecimento de algumas redes de supermercados da cidade.

Sendo assim, a *agroecologia* emerge de modo emblemático como agricultura sustentável, contrapondo a lógica de imposição do agronegócio, que sobretudo após a revolução verde, se intensificou com a produção de alimentos com insumos químicos na região. Conforme já havíamos afirmado:

[...] no espaço rural do oeste catarinense, embora a configuração socioespacial da região receba forte influência da lógica do capital agroindustrial, conta-se também com a presença de pequenas propriedades agroecológicas. Neste cenário de integração e subordinação do pequeno agricultor à agroindústria do agronegócio, pode-se dizer que emerge a *agroecologia* como um movimento de re-existência (AZEREDO; SIMÕES, 2016a).

Nesses casos, foram constatados que o movimento de transição da agricultura convencional para a agroecológica formou um movimento que resiste à lógica do capital, ressaltando a importância dos saberes tradicionais da terra, fazendo a manutenção do agroecossistema local de forma limpa e sustentável, sem o uso de agrotóxicos.

Ressaltamos, também, que o processo investigativo tem nos permitido evidenciar o papel fundamental de alguns órgãos que visam a valorização dos saberes tradicionais da agricultura, como os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos na Universidade Federal da Fronteira Sul, a Associação dos Pequenos Agricultores do Oeste Catarinense – APACO, Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – EPAGRI, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, dentre outros órgãos que puderam trabalhar na extensão rural e na formação dos agricultores.

Os mapas abaixo objetivam demonstrar a distribuição espacial das feiras na cidade de Chapecó:



Figura 1: Feiras de produtos coloniais e agroecológicos em Chapecó-SC. Fonte: Azeredo (2016)

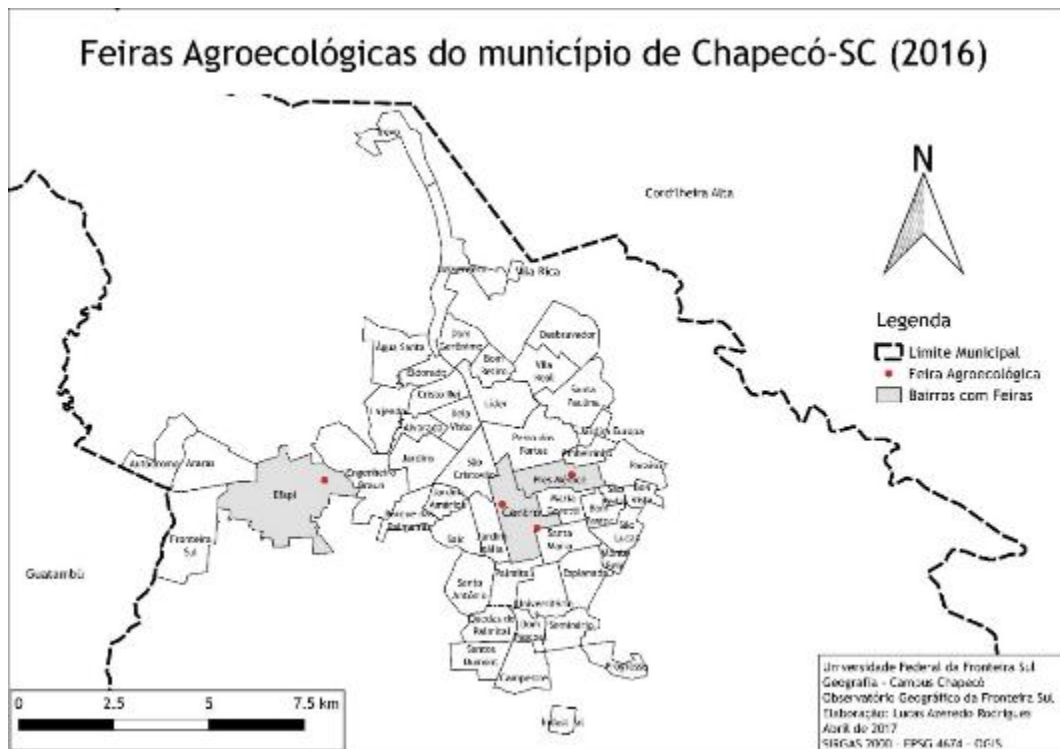


Figura 2: Feiras de agroecológicos em Chapecó-SC. Fonte: Azeredo (2016)

Com base nos mapas acima, pode-se notar a distribuição espacial das feiras pela cidade, e a concentração das mesmas na região central da cidade. As feiras agroecológicas são realizadas em espaços conjuntos das feiras coloniais, como mostra a imagem abaixo.



Figura 3: Parte interna da feira colonial e agroecológica do centro de Chapecó. Fonte: Autores, 2016

Estudo de caso: Família Vaccari e Família Munarini

Para a mediação da teoria e prática desta pesquisa, realizamos dois estudos de caso em propriedades diferentes, localizados no município de Chapecó. Por mais que tenham objetivos em comum (a produção agroecológica), ambos apresentam diferenciações específicas na produção do espaço, visando diferentes formas da relação sociedade-natureza.

Ambas fazem a comercialização de produtos nas feiras agroecológicas e em alguns supermercados da cidade. A Família Vaccari se destaca na produção de agroindustrializados, pois, a mesma possui uma pequena agroindústria, voltado para atender o mercado regional.

Durante a pesquisa de campo, pode-se constatar que os produtores envolvidos visam uma outra forma de usufruir do meio ambiente. Possuem formas de tratar do espaço diferenciadas do modo tradicional: como de cultivar respeitando o ciclo natural, mantendo o solo vivo e úmido; com a rotação de culturas visando o descanso de uma determinada área de plantio; a prática da barreira ecológica, proporcionando uma forma de bloquear a inserção de pragas nas plantações; a produção de adubação orgânica, dentre outros.



Figura 4: Produção Agroecológica da Família Munarini. Fonte: Autores, 2016

A família Munarini, ainda está no processo de transição do convencional para o agroecológico (aguardando a certificação). A mesma cita os principais motivos que levaram a adotar a prática agroecológica: contato com agrotóxicos que a convencional possui; a não submissão à lógica do capital industrial; a forma de relacionamento com o meio ambiente, ou seja, a forma de re-significar a relação sociedade-natureza.

Ao explicar como se deu o momento de transição, a Família Munarini diz que: quando eram aliados à produção de aves para as agroindústrias da cidade, ainda antes de mecanizar a produção, tinham mais trabalho, entretanto, a lucratividade era maior. Quando inicia o processo de modernização dessa escala produtiva, por mais tenham menos trabalho, porém a circulação do capital era muito pouca, pois, estavam sempre aliados a lógica de crédito imposta pela agroindústria “ amarravam o avicultor a ter uma mão de obra e matéria prima para eles”. Pois, a agroindústria ao mesmo tempo que fornecia e exigia uma determinada configuração da estrutura produtiva, também fomentava o crédito ao produtor, no qual, era obrigado a sempre realizar melhorias na infraestrutura para se adequar às normas. Ainda no explicitando o processo de transição, a família diz que, quando começaram a produção de leite, tinham muito trabalho, e pouca valorização do produto final.

Atualmente, com a produção agroecológica, ela possui uma certa autonomia, perante a agricultura convencional. Bem como, a saúde familiar melhorou, pois não possuem mais o contato com agroquímicos. Outro ponto levantado é que, alienado à agroecologia, pois, trata-se de uma outra forma de se relacionar com o meio ambiente, pois, “já conhecem o meio onde plantam”.



Figura 5: Produção da Família Vaccari. Fonte: Autores, 2016

A figura 5 demonstra o início do plantio na Propriedade da Família Vaccari. É ressaltado a presença da barreira ecológica ao entorno da produção, com o intuito de protegê-la do ataque de pragas. Na mesma propriedade, a família pode contar com a presença de sua própria unidade agroindustrial familiar, visando a produção de alimentos agroecológicas em conserva e também sucos.

Em ambas propriedades foram constatados alguns elementos como: a criação de uma agricultura de subsistência, ou seja, uma autossuficiência de alimentação própria, desde açudes com peixes à frutas e legumes orgânicos; a presença maciça de instituições que visam a manutenção e emergência da agroecologia, já explicitadas anteriormente no texto; ambas famílias estão sempre em constante formação para o aperfeiçoamento da produção agroecológica.

Considerações finais

Percebe-se que o espaço rural do oeste catarinense possui duas realidades: de um lado, a agricultura que é subordinada à lógica do capital agroindustrial global, por outro, uma agricultura que resiste à essa lógica imposta pelo mercado do agronegócio, fazendo um papel de re-existência, em uma re-significação da relação sociedade-natureza, dos saberes tradicionais, familiares e culturais presentes na *agroecologia* como as hipóteses levantadas em trabalhos anteriormente em Azeredo e Simões (2016a, 2016b),.

Neste trabalho, temos a *agroecologia* como um objeto de estudo, que nos permite ter uma outra leitura acerca da re-produção do espaço rural, sobretudo no Oeste Catarinense. A partir de trabalhos de campo e entrevistas, podemos identificar os elementos mais marcantes das trajetórias desses sujeitos no espaço rural, fazendo um elo com a literatura produzida acerca desta temática e da região inserindo os novos sujeitos e objetos de estudos para novas pesquisas.

Referências Bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável.** / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável.** São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012, 400 p.

AZEREDO, R. Lucas; SIMÕES, W. **A agroecologia e a (re)significação das relações sociedade-natureza na (re)produção do espaço rural do oeste catarinense, sul do Brasil.** In: Encontro Nacional de Geógrafos, 2016, São Luís. Anais Eletrônicos ENG 2016, 2016a.

_____. **O Espaço Rural do Oeste de Santa Catarina, a agroecologia e a relação sociedade-natureza.** In: Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS, 2016, Chapecó. Anais do SEPE, 2016b.

CAMPOS, Nazareno José de (Org.) ; BRANDT, Marlon (Org.) ; CANCELIER, Janete Webler (Org.) . **O espaço rural de Santa Catarina: novos estudos.** 1. ed. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. v. 1. 208p .

Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística – IBGE. **Cidades, Chapecó.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=420420> Acesso em: 11/05/2017

PORTO-GONÇALVES, Carlos. 2006. **A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino-americana e caribenha.** In: Ceceía, A. E. (Org.) Los desafios de las emancipaciones en un contexto militarizado Buenos Aires: CLACSO.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MACHADO, Luis Carlos Pinheiro; MACHADO FILHO, Luis Carlos Pinheiro. **A dialética da agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno.** São Paulo: Expressão Popular, 2014. 360p.

TAGLIARI, P. S.. **A Agroecologia em Santa Catarina: como pesquisa e extensão se inserem.** In: I Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2003, Porto Alegre. Anais do I Congresso Brasileiro de Agroecologia. Porto Alegre: ABA-Associação Brasileira de Agroecologia, 2003